

METROPOLE

SSA-BA

JORNALDAMETROPOLE.COM>BR

Imunizados



Bebês de mães vacinadas vieram ao mundo com anticorpos contra o coronavírus. Nascimentos alimentam esperança para o fim da pandemia. Págs. 4 e 5

Abandonados

Fome e desemprego recorde fazem aumentar abandonos de bebês em Salvador. Ação revela uma das mais cruéis faces da pandemia. Págs 6 e 7

03 JUN 2021





Entre o Próximo Samba e o Próximo Tiro

James Martins

Em menos de uma semana o Brasil perdeu três baluartes: os sambistas Nelson Sargento e Firmino de Itapoan e o barraqueiro Juvená. Sargento, autor de “Agoniza, Mas Não Morre”, era o mais ilustre representante vivo da Estação Primeira de Mangueira; Firmino, de Itapuã mas da Liberdade, um dos maiores difusores do samba de roda no país; e Juvená o principal incentivador dos percussionistas em Salvador, cuja famosa barraca serviu de plataforma e laboratório para nomes como Fialuna e Carlinhos Brown. Coincidentemente, assisti com atraso, na mesma semana fatal, ao documentário “O Próximo Samba”, de Marcelo Lavandoski, que retrata os bastidores do Carnaval da verde e rosa em 2016, vencido pela escola com o tema “Maria Bethânia, a Menina dos Olhos de Oyá”. Não é preciso ser nenhum mestre em percepção para intuir a trabalhadeira que dá botar uma escola de samba na Sapucaí, mas o filme, ainda assim, é muito impactante ao revelar a quantidade de profissionais envolvidos (de eletricitas e marceneiros a designers e costureiras), o tempo dedicado, a estrutura toda que se condensará em 75 minutos de desfile para a glória ou o fracasso.

Assistindo à preparação da Mangueira, eu me vi pensando o tempo todo nas

outras escolas, que fatalmente perderam aquele concurso, mas que despenderam esforço semelhante, e concluí que, no fundo, não há fracasso. Trata-se, ao contrário, de um exemplo brasileiro muito bem sucedido, uma realização de que devemos nos orgulhar profundamente. Pois além da tão louvada monumentalidade dos desfiles, há outros aspectos envolvendo disciplina, dedicação e rigor absolutos, afinal, um passo ou um compasso a mais ou a menos, da comissão de frente ou da bateria, podem botar tudo a perder. E aí só no ano que vem. E é realmente espantoso que o maior espetáculo operístico do mundo seja realizado por mestiços brasileiros moradores das tão maltratadas e violentas favelas do Rio de Janeiro. Ao aparecer majestosamente em cena, a quadra da Mangueira me fez sentir apequenadas nossas estruturas carnavalescas soteropolitanas. Do ponto de vista cenográfico, por exemplo, não temos nada sequer parecido — nem se compararmos a decoração da cidade inteira com as alegorias de apenas uma escola carioca. Mas o vídeo mostra também edificações do morro em si, as mesmas casas sem reboco que vemos por aqui, e eu continuei pensando.

Eis o que me perguntava, sem encontrar resposta: por que comunidades como Nilópolis, Padre Miguel e a própria Mangueira não conseguiram empregar a força que exibem no Carnaval para outras áreas do viver? Por que o Rio está do jeito que

está se a população carioca já se mostrou tão capaz de tanto? Por que somos assim tão cafajestes se somos também daquele jeito? Botar a culpa exclusivamente nos políticos é fácil, mas não resolve a questão. Um dos astros do doc. é o mestre de bateria Rodrigo Explosão. Pela cara e pelo nome saquei que o cara é filho do lendário Alcir Explosão, também mestre da escola, assassinado em 1998, aos 35 anos, após discutir com traficantes do Buraco Quente, com quem, dizem, ele tinha ligações.

Naquele ano a Mangueira também foi campeã, homenageando Chico Buarque. O refrão do enredo dizia: “Ô Iaiá, vem pra avenida ver meu guri desfilar”. Diante da canção, pergunto: um dia chegaremos mesmo lá ou viveremos eternamente achando que o guri no mato, de papo pro ar, tá rindo ou tá lindo quando ele está apenas morrendo ou matando?



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **André Uzêda, Gabriel Amorim, Juliana Rodrigues, Kamille Martinho, Rodrigo Meneses e Stephanie Suerdieck**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 Pernambuco CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

Use máscara.

VOCÊ JÁ
SABE O QUE
FAZER.
FAÇA.

A vacinação contra a Covid avança, mas não é hora de baixar a guarda. Mais do que nunca, tome todos os cuidados. Não aglomere e use sempre a máscara. Não dê mole nessa pandemia.



SALVADOR
PREFEITURA

Filhos da vacina

Testagens feitas em bebês nascidos de mães vacinadas mostram anticorpos ao coronavírus; Bahia desenvolve protocolo para acompanhamento

Texto **Gabriel Amorim**

gabriel.amorim@radiometropole.com.br

Ravi é um nome indiano que, em sânscrito, significa, o “Sol”. Nascido na quente Irecê, o filho de Vitória Almeida desloca a qualidade do Astro Rei da alta temperatura para o intenso brilho. O menino nasceu iluminado.

“É um misto de muitos sentimentos, muita alegria, muita esperança e principalmente por saber que a vacina funciona”, diz a mãe, orgulhosa.

Ravi é o segundo bebê na Bahia que veio ao mundo com a presença de anticorpos do coronavírus no sangue. Estudante de psicologia e recepcionista em um posto de saúde, Vitória recebeu a primeira dose de Coronavac no dia 14 de abril, por ser uma profissional de saúde.

Antes disso, ainda no início da gestação, contraiu a Covid-19. Cerca de 15 dias depois da sua primeira dose, no dia 1º de maio, deu à luz ao primeiro filho.

Diferente do que aconteceu com Vitória, Patrícia Marques recebeu as duas doses da vacina de Oxford ainda durante a gestação. A médica ginecologista e obstetra completou seu esquema vacinal 16 dias antes do nascimento do pequeno Matheus, o primeiro bebê imunizado na Bahia.

Antes de tomar a vacina, no entan-

to, Patrícia passou por um período de indecisão. “Começamos a pesar o risco e o benefício. Então, o risco de pegar o Covid na gravidez, por eu ainda estar muito exposta, seria, realmente, maior do que o risco da vacina, que ainda não tinha nada certo”, lembra.

Em comum, as duas mães agora são acompanhadas de perto pela Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (Se-sab), que pesquisa a extensão da imunidade nos bebês.

“É algo extremamente importante do ponto de vista epidemiológico, porque é uma contribuição para novos estudos. Apesar de não termos um protocolo definido pelo Ministério da Saúde, o estado da Bahia já está desenvolvendo o seu protocolo, no sentido de dar continuidade ao monitoramento dessas crianças”, explica a diretora da Vigilância Epidemiológica do Estado, Márcia São Pedro.

MAIS DE 60

Além de Mateus e Ravi, um bebê de Feira de Santana, é o terceiro com esta condição no estado. Enzo de Carvalho Carneiro nasceu no dia 24 de maio. Quatro dias depois, exames de sangue constataram os anticorpos.

Os três casos baianos se somam aos 60 recém-nascidos que tiveram a presença de anticorpos confirmados em um estudo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Há ainda um caso no Acre e outro em Santa Catarina – o primeiro do Brasil.

Os médicos que enfrentam a pandemia diariamente, no entanto, chamam atenção sobre a proteção que cobre os pequenos protegidos.

“Essa passagem de anticorpos é algo que acontece a partir da vigésima semana de gestação, mas a imunidade é diferente da imunidade de quem recebe uma vacina. É apenas uma proteção transitória”, destaca Anne Galastri, infectologista e pediatra.

A médica explica as razões pelas quais não é possível tomar a proteção como definitiva. “Nós não sabemos se essa proteção atinge um valor que realmente seja protetivo para prevenir novas infecções. Não sabemos qual valor dos anticorpos que o recém nascido precisa ter no sangue para que eles estejam protegidos através da vacinação materna”, detalha.

Enquanto ainda pairam dúvidas que a ciência busca respostas, o Sol se renova e brilha com o nascimento dos bebês já protegidos do vírus.





divulgacao

Novos exames

“Não é garantia que o bebê apresente anticorpos porque as mães foram vacinadas ou porque adoeceram durante o período da gestação”, diz Robson Reis, infectologista e professor da Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Outro ponto que ainda gera questionamentos diz respeito a influência que o imunizante (CoronaVac, Oxford/AstraZeneca ou Pfizer) tomado pela gestante tem na transferência de anticorpos para o bebê. “Para isso seria preciso selecionar as gestantes, acompanhar os bebês no pós-parto e ainda fazer estudos com os bebês”, detalha o médico.



divulgacao



divulgacao

Teste do pezinho

Um estudo realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) utiliza o teste do pezinho para identificar os anticorpos nos bebês. Até agora foram testadas mais de 500 mães e bebês e identificados mais de 70 casos de transferência de anticorpos da mãe para o filho. A iniciativa é do Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico (Nupad), da UFMG, em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Secretaria de Saúde de Minas Gerais. “A confirmação da passagem de anticorpos da mãe para o bebê durante a gravidez pode ajudar a planejar o momento ideal para vacinação dos bebês contra a Covid-19. Já se sabe, por exemplo, que os anticorpos maternos reduzem a eficácia da vacina contra o sarampo, e por isso ela é feita mais tardiamente”, explica a professora Cláudia Lindgren, do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG.

ESPECIAL



METROPOLE

Foto de cima: Ravi, nascido imunizado em Irecê. Foto (esquerda): O parto de Enzo. Foto (direita): A mãe Patrícia com Matheus

Filhos da fome

Desemprego e condição de miserabilidade social fazem aumentar número de abandonos de recém-nascidos em Salvador

Texto **Rodrigo Meneses**
redação@metro1.com.br

O abandono de recém-nascidos pelas ruas de Salvador revela mais uma face cruel da pandemia do coronavírus. Só este ano, quatro bebês foram largados à própria sorte. Em 2020, foram outros dois, um em agosto e outro em outubro, totalizando seis casos de desamparo durante a crise sanitária. Os dados são do Conselho Municipal Dos Direitos da Criança e do Adolescente de Salvador (CMDCA).

Segundo a presidente conselho, Tatiane Paixão, os casos de abandono de recém-nascidos costumavam ocorrer uma vez a cada três anos, mas a frequência aumentou nos últimos nove meses. Para ela, a explicação tem relação direta com o agravamento da situação socioeconômica — com aumento do desemprego (recorde no estado no último trimestre) e, sobretudo, a fome.

O número de baianos que não estão se alimentando, com qualidade e quantidade suficientes, cresceu durante a pandemia. Cerca de 2 milhões vivem hoje no CadÚnico, do governo federal, com renda entre R\$ 89 e R\$ 150 por mês.

DESESPERO

No dia 26 de maio, uma bebê foi encontrada abandonada no banheiro feminino do Terminal Acesso Norte, do metrô. A recém-nascida estava com um cartão de vacinação, sem a página de identificação. No dia seguinte, a mãe, de 27 anos, foi localizada e presa pela polícia. Ela foi autuada por abandono de incapaz. O crime prevê

pena de seis meses a três anos de detenção. A criança foi levada para Organização do Auxílio Fraternal (OAF), que acolhe crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social.

A OAF também foi o destino da pequena Sofia, abandonada dentro de uma caixa de papelão no dia 24 de abril, no bairro de Paripe. Os pais deixaram uma carta onde escreveram que amavam a filha, mas não teriam condições financeiras e psicológicas para cuidar dela.

O presidente da OAF, Jozias Sousa, disse que, após a divulgação do caso Sofia, recebeu ligação de outras duas mães desesperadas por não ter condições de criar o filho.

O desconhecimento por parte dos pais da entrega voluntária para a adoção faz crescer a incidência de abandonos.

“A mulher, ainda gestante, pode manifestar o desejo da entrega voluntária na maternidade. O serviço social da unidade vai dar todos os encaminhamentos necessários e, após a alta, ela nem vai precisar levar a criança para casa”, explica a presidente do CMDCA.

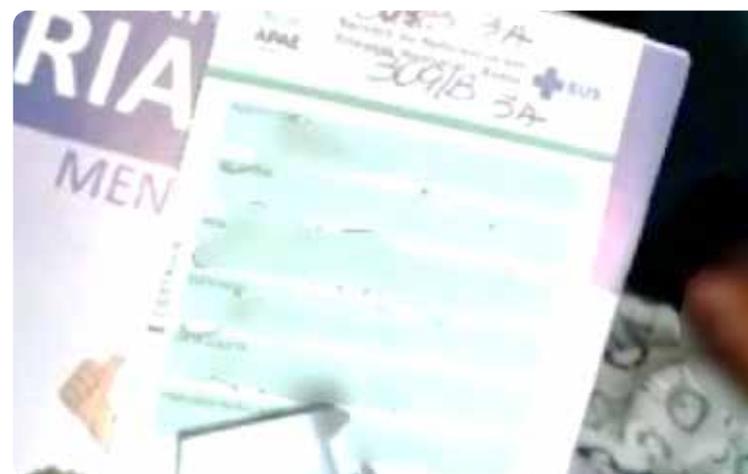
Ainda conforme Tatiane Paixão, a criança é encaminhada para ficar sob os cuidados de uma instituição de acolhimento, enquanto aguarda pela adoção.

Se a mãe decidir levar o filho para casa e depois de um período não quiser ficar com ele, pode procurar um conselho tutelar, a Vara da Infância e da Juventude ou outro órgão onde se sinta segura para fazer a entrega. “Não podem deixar um bebê incapaz correndo o risco, inclusive, de morte. Se fizer isso, podem responder criminalmente”, alerta Tatiane.



6

Bebês foram abandonados em Salvador desde agosto de 2020





Policial acolhe bebê encontrado em caixa de papelão, no bairro de Paripe. Na foto menor, recém-nascida encontrada no banheiro feminino do metrô

divulgacao

divulgacao/scmba

Roda dos expostos

Até 1935, havia um método simples em Salvador para entregar bebês. Era a chamada “Roda dos Expostos” ou “Roda dos Enjeitados”, um mecanismo giratório instalado no muro da Ordem do Auxílio Fraterno. Colocava-se o bebê na roda e girava, sem que a pessoa que estivesse fazendo a entrega fosse vista.

O instrumento se espalhou por toda Europa no século XVI. Segundo a coordenadora do Arquivo Histórico da Santa Casa, Rosana Souza, a primeira Roda dos Expostos do Brasil foi instalada na Bahia em 1726. “Era um serviço prestado pela Santa Casa que era de conhecimento geral e foi desativado em 1935, por não ser considerado mais moderno para a época”, conta. O aumento dos abandonos este ano mostra que a modernidade do século XXI não está conseguindo dar conta de um problema histórico em Salvador.



divulgacao



A roda dos expostos funcionou em Salvador até 1935. O instrumento giratório virou peça de museu

ESPECIAL



METROPOLE



O vírus e o protozoário segundo o feminismo

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

ARTIGO



METROPOLE

A audiência ativista que comenta nas redes o BBB Brasília, o reality transmitido pela TV Senado, se dividiu na terça-feira. Qual era a moral da história do episódio do dia? Era o quanto o patriarcado daqueles homens héteros, brancos, cis, normativos e etc. é machista e opressor, com o troféu de vilão da tarde indo para o senador baiano Otto Alencar, por encurrular a oncologista Nise Yamaguchi? Vulnerável, por ser mulher, não branca e etc. a médica teria sido humilhada com crueldade até revelar ao país a façanha de ter um diploma de medicina sem aprender direitas noções elementares de biologia no ensino médio, como a diferença entre um vírus e um protozoário.

Ou a moral do episódio era mais uma confirmação do quanto o patriarcado do governo misógeno do presidente Jair Bolsonaro massacra as mulheres que integram suas equipes e as entrega à ridicularização no espaço público? Para os defensores dessa tese, a doutora Nise repetiu involuntariamente a exposição, considerada perversa, a que já tinha sido submetida a médica Mayra Pinheiro, a capitã Cloroquina. Ambas, coitadas, seriam mulheres vítimas da cultura opressora desse governo, instrumentalizadas por um grupo de machistas maus. Mulheres de esquerda adotaram esse viés interpretativo.

Não, não vem ao caso se Eduardo Pazuello e Fábio Wajngarten já tivessem

tido suas falas desconstruídas, sido espremidos, interrompidos, confrontados, criticados, na mesma CPI. Pazuello até mal passou, ensinando ao país o que era a síncope vasovagal. Mas, homens que são, claro, se apertados foram com perguntas mais enfáticas dos opositores, isso nada mais era que a ordem natural dos rituais de inquirição a machos. As perguntas feitas a Nise e Mayra foram, na linha de raciocínio de quem ama a contundência de Otto Alencar, mas cospe na misoginia do bolsonarismo, consequências do modo como esse governo vê a condição feminina. E perguntam: por que essas mulheres se deixam usar como bucha de canhão para trucidar a ciência?

LUMENIZAÇÃO

Do mesmo modo que o identitarismo pautou o BBB21, o glossário do feminismo à la Lumena foi adotado pelos comentaristas do BBB Brasília nas redes. Pululavam nos comentários palavras da bolha feminista, como mansplaining, mansplaining, gaslighting, relacionadas à interrupção que os homens fazem à fala das mulheres, à mania que têm de se acharem mais sabedores das coisas e explicarem o mundo para elas e à distorção masculina de informações dadas por uma mulher, deixando-a insegura quanto a si mesma. Foi uma epifania ver feministas da esquerda compartilhando os mesmos sentimentos de ho-

mens bolsonaristas e de mulheres do lar, condenando uma suposta agressividade de Otto Alencar e argumentando falta de respeito. Há quem tenha visto outra coisa: Nise sendo interrompida e contradita porque respondia perguntas com tergiversações negacionistas e anticientíficas. Mas, assim é se lhe parece.

No núcleo alucinado da CPI, mais do mesmo. O coronel de Rancho Queimado, Luiz Carlos Heinze (RS), repetindo again e again a cantilena de suas apostilas com estudos e efeitos milagrosos do kit cloroquínico. E Eduardo Girão (CE) apelando aos coleguinhas para apoiar o país como sede da Copa América, para gerar milhares de empregos, segundo ele. Ah, mas vai ter Olimpíada no Japão... Sim, mas o Japão não está se aproximando de meio milhão de mortos e nem está com uma média diária de cerca de 2.000 mortos. Ah, mas está havendo Brasileirão, Copa Brasil... Não deveria, mas um torneio internacional vai trazer equipes de vários países do mundo em um contexto em que se cobra do país barreiras sanitárias internacionais para evitar a entrada de novas cepas.

À parte isso tudo, uma das cerejas do bolo da CPI foi o embate de humor involuntário gerado por uma pergunta de Heinze à infectologista Luana Araújo, na sessão de quarta-feira, sobre um estudo financiado por uma atriz pornô: "Não conheço, senador. Realmente, está fora da minha alçada". A temporada promete.

reproducao



Lambendo e vacinando a cria

Mesmo com a recomendação do Ministério Público Federal para que jornalistas não sejam vacinados como prioridade, a prefeita Moema Gramacho (PT) resolveu bancar a imunização da categoria em Lauro de Freitas. Na terça-feira, sem qualquer limite de idade, profissionais de imprensa cadastrados começaram a receber doses da vacina nos postos da cidade. Entre os imunizados, estava Michele Gramacho, filha de Moema. Michele é jornalista e dirige, desde fevereiro, a programação da TV Assembleia (responsável pela programação televisiva da Assembleia Legislativa da Bahia). Ao receber a vacina, a jornalista segurou um cartaz demonstrando sua gratidão: "Viva o SUS! Obrigado, Lauro de Freitas!"

Casa Nova fora da crise sanitária

O prefeito de Casa Nova, Wilker do Posto (PSB), aglomerou seu séquito político para inaugurar banheiros móveis no extremo norte da Bahia. O ato teve toda a pompa solene, com direito a desatar uma fita vermelha declarando aberto ao público o cubículo de plástico. O presidente da Fundação Luís Eduardo Magalhães (Flem), Rodrigo Hita, ex-secretário estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, esteve na cerimônia. Enquanto o mundo vive uma preocupante e longa crise sanitária, o gestor de Casa Nova inaugura sanitários. O equipamento foi fabricado na Alemanha, com descarga à base de energia solar. Foram entregues 24 módulos. Ao todo, custaram R\$ 445 mil.

reproducao



Paulo Câmara, o indeciso

O deputado estadual Paulo Câmara (PSDB) parece preso no verso "com que roupa eu vou?", clássico do sambista carioca Noel Rosa. A indecisão é patente no tucano para saber com quem marchará nas eleições do ano que vem. Se diz aliado de ACM Neto (DEM), mas andou elogiando e se encontrando, em Brasília, com o ministro João Roma (Republicanos), desafeto do ex-prefeito de Salvador. Roma vem sendo incensado como potencial candidato bolsonarista ao Palácio de Ondina. No plano nacional, o dilema de Câmara é o seguinte: apoiar Bolsonaro ou fechar com o correligionário tucano João Doria, numa eventual indicação de Antônio Imbassahy, tio, mentor político e secretário especial do governador de São Paulo? Sem samba no pé, Câmara tem mesmo ensaboado para decidir o destino.

Elmar no PSL

O deputado federal Elmar Nascimento será o novo comandante do PSL na Bahia. A sigla, que elegeu o presidente Jair Bolsonaro (atualmente sem partido) é a segunda em termos de fundo partidário no país. A chefia passa para Elmar em comum acordo com a deputada Dayane Pimentel, até então, principal líder da legenda no estado. Elmar almeja ser candidato ao senado nas eleições do ano que vem.

waldemir barreto/agencia senado



Otto em Ondina?

Otto Alencar (PSD) tornou-se a pedra no sapato de bolsonaristas enquadrados pela CPI da Covid. Sob sua autoridade de médico, o senador baiano vem ganhando destaque ao desconstruir, com argumentos técnicos, a retórica negacionista dos defensores da hidroxicloroquina no cientificamente ineficaz tratamento precoce contra o coronavírus. Na última terça, durante depoimento da oncologista Nise Yamaguchi, integrante do 'gabinete paralelo' do Planalto, Otto a questionou sobre a diferença entre protozoário e vírus. A indagação se deu porque a cloroquina é um remédio para combater vermes, e não vírus. Diante de uma Nise visivelmente constrangida, o senador a rebateu com um duro discurso. "A senhora não soube explicar o que é vírus [...] A senhora não é infectologista, se tornou de uma hora pra outra, como muitos no Brasil. Nem estudou, doutora. A senhora não sabe nada de infectologia, foi aleatória, superficial, não poderia estar debatendo um assunto que não é do seu domínio", desancou Otto. Por conta do destaque nacional, nos bastidores, comenta-se que Otto tem se credenciado como nome forte na disputa para o governo da Bahia em 2022. Quem pensa que Jaques Wagner (PT) já é o candidato à sucessão de Rui pode se surpreender.

O dilema da terceira dose

Especialistas já indicam possibilidade de mais um reforço na vacinação de idosos; ação reorganizaria todo calendário de imunização no país

Texto **Stephanie Suerdieck**

stephanie.suerdieck@radiometropole.com.br

A vacinação contra a Covid-19 no Brasil começou em janeiro de 2021. E, agora, mesmo em marcha lenta, passados quase seis meses das aplicações, especialistas tem falado sobre a possibilidade de incluir uma terceira dose no Plano Nacional de Imunização (PNI).

A médica infectologista e pesquisadora da Fiocruz, Fernanda Grassi, explica que já é esperado, por exemplo, que pessoas mais velhas tenham uma resposta menos eficaz aos imunizantes. “O sistema imune envelhece, então a taxa de produção de anticorpos também vai caindo com a idade. É natural que os idosos respondam menos à vacina”, alerta.

Se isso realmente vier a acontecer, muda todo o cronograma de vacinação no

país. Idosos já protegidos com as duas doses precisariam ser novamente colocados na fila de vacinação, retardando o avanço em outros segmentos etários.

Procurado pelo **Jornal da Metropole**, o Ministério da Saúde informou que segue todas as recomendações da bula dos laboratórios fabricantes de vacinas. E, se houver alguma mudança, informada pelo laboratório, será, sim, avaliada pela pasta.

Para Fernanda Grassi, no entanto, o momento não seria de discutir uma terceira dose, mas em como vacinar o mais rápido possível quem ainda não teve acesso sequer à primeira aplicação.

“Os números têm nos mostrado que os imunizantes já aplicados tem tido efetividade. Claramente já diminuimos a morta-

lidade nesse grupo, que foi o primeiro a ter acesso. O Observatório Fiocruz já mostra o rejuvenescimento da pandemia. Ou seja, agora são as pessoas mais jovens, abaixo de 60 anos, que estão adoecendo”.

A pesquisadora também destaca o recente estudo feito pelo Instituto Butantan com a população da cidade de Serra, no interior de São Paulo, que apontou dados esperançosos para um cenário de controle da pandemia. “Após a cidade atingir cerca de 75% da população vacinada com a segunda dose, o estudo mostra que o número de mortes caiu 95% em Serra. Ou seja, isso é fantástico, porque esses dados nos mostram como a vacina se comporta na ‘vida real’, fora dos ensaios clínicos”, completa.

Variantes põem eficácia em risco

O infectologista e professor da Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Robson Reis, diz que o surgimento de novas variantes pode interferir diretamente na necessidade de novas doses. “Primeiro porque a imunidade pela vacina, provavelmente, não seja tão duradoura. E segundo, porque provavelmente teremos novas variantes que, em algum momento, podem não responder às vacinas atuais”, detalha.

De acordo com a pesquisadora Fernanda Grassi, a velocidade com que o vírus vem se disseminando, é o cenário propício para o surgimento de novas cepas. “Por isso precisamos reduzir ao máximo a taxa de transmissão. E a solução a curto prazo é avançar a vacinação na população”, diz.



Profissional de saúde segura imunizante usado para vacinação contra o coronavírus



Saul, militante do Direito

Saul Quadros morreu, aos 79 anos, por complicações da Covid-19. Foi ex-presidente da OAB-Bahia e defensor da democracia

Texto **André Uzêda**

andre.uzeda@radiometropole.com.br



OBITUÁRIO



METROPOLE

Defensor das liberdades individuais, militante do direito, amante da democracia. Morreu na madrugada da última quarta-feira o ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) - Seção Bahia, Saul Quadros, aos 79 anos.

Ele estava internado no Hospital Aliança, em Salvador, tratando de complicações clínicas causadas pela Covid-19.

Saul Venâncio de Quadros Filho se formou na Universidade Federal da

Bahia (Ufba), em 1966. Atuava nas áreas de direito público, cível, empresarial e trabalhista. Além de presidente da ordem dos advogados, foi também procurador-geral do município de Salvador e professor de direito constitucional. Por anos, foi colaborador da **Rádio Metropole**, tratando de temas jurídicos com linguagem simples e acessível ao grande público.

Em 1979, fundou o escritório Saul Quadros Advogados Associados, um

dos mais importantes da cidade.

Torcedor fanático do Bahia, se engajou nas lutas pela intervenção judicial que depôs o ex-presidente Marcelo Guimarães Filho, em 2013, e trouxe eleições diretas por voto dos sócios. A OAB-Bahia decretou luto oficial de três dias em memória de seu ex-dirigente.

Saul Quadros deixa esposa, a desembargadora do trabalho aposentada Ismenia Quadros, e os filhos, todos advogados, Daniela, Ludmila e Saul Neto.

Responsável Técnico:
Dra. Silvânia Rocha
CROBA - 14011



CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!



INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438



Curso
VIP



Olímpico Pandêmico

Proximidade dos Jogos de Tóquio lançam luz para as dificuldades enfrentadas pelas mais diversas federações esportivas na Bahia durante a crise do coronavírus

Texto **Kamille Martinho**

kamille.martinho@metro1.com.br

Adiados em um ano por conta da pandemia, os Jogos Olímpicos de Tóquio acontecerão no dia 23 de julho. A iminência do torneio desperta a atenção para um aspecto esquecido da crise sanitária: como manter o esporte vivo na Bahia diante de tantas restrições?

Com os decretos municipais e estaduais visando minimizar a circulação do co-

ronavírus, os atletas viram suas estruturas de treinamento serem fechadas e os campeonatos serem proibidos.

As federações baianas dos mais diversos esportes começaram a se preocupar com um problema que dura até hoje. Sem competições há um ano e meio — principal fonte de renda —, as entidades esbarram em desafios contínuos para promover as mais di-

versas modalidades em solo baiano.

Algumas delas conseguiram renovar o fôlego em cursos e torneios online, como é o caso da Federação Baiana de Ginástica. “Tivemos que tomar a decisão de fazer algo que fosse possível, então criamos um campeonato no formato online em junho do ano passado. Fomos pioneiros nesse processo”, diz a presidente Evelin Lobo.



camila souza/govba

Competição realizada no Centro de Treinamento de Judô, antes da pandemia. Espaço passa por reformas e será adaptado para outras modalidades



“Temos atletas de projeção nacional e internacional, eles não poderiam ficar sem treinos. Criamos um campeonato por meio de um aplicativo de videochamada, além disso, contactamos professores e equipes estrangeiras para fazer um intercâmbio e capacitamos os atletas para dar motivação”, completa.

O recurso digital também foi utilizado por judocas que, por meio de aulas remotas e curso de formação de faixas pretas, auxiliaram na arrecadação da Federação Baiana de Judô.

A modalidade possui um grande centro de treinamento em Lauro de Freitas, na região metropolitana de Salvador. Entretanto, o espaço, considerado um marco na história do judô brasileiro e das Américas, hoje não passa de galpão vazio. Está inativo há, pelo menos, um ano e meio. O presidente da entidade, Marcelo Ornelas, afirma que os atletas não podem nem treinar no local, que este está passando por reformas para deixar de ser a “casa do judô” e virar um centro “multiesportivo”.

“O centro está sem atividades. Por en-

quanto os judocas vêm treinando em casa. Com a alteração da nomenclatura, outras modalidades também poderão utilizá-lo”, diz Ornelas.

TRÊS VEZES PIOR

O que já é difícil para uma modalidade, se torna três vezes pior para o triatlo. Por não existir um espaço específico para o esporte em Salvador, o atleta precisa ter força de vontade para manter a prática. Acordar às três e meia da manhã para pedalar às quatro — horário no qual a disputa com os carros é menor. Depois, torcer para as condições climáticas colaborarem e nadar no mar.

“Estamos tentando criar uma estrutura própria, voltada para o triatlo, para não dependermos de condições externas. Por enquanto conseguimos uma parceria com o governo do estado para disponibilizar equipamento público para que os triatletas possam treinar. Também pedimos para a prefeitura disponibilizar um horário para utilizarmos a Arena Aquática. Estamos le-

vando esse conceito para outras cidades do interior: que as estruturas de outras modalidades sejam compartilhadas com os triatletas”, diz Cleber Castro, presidente da federação baiana de triatlo.

A inexistência de uma pista de corrida apropriada também afeta o atletismo no estado. O presidente da entidade baiana, Og Robson de Menezes, lamenta que a Bahia não tenha um equipamento sintético para treino. “É a única unidade da federação carente de pistas. As nossas pistas são de piso natural e não temos pistas públicas. Em Salvador, a filha única está no colégio militar, mas está fechada por conta da pandemia”.

Esperançoso, Og estima que, ainda este ano, capas de borracha sejam colocadas na pista da Universidade Federal da Bahia para viabilizar os treinos da modalidade. “Queremos manter o esporte vivo. Com a pandemia tivemos que achar uma outra fonte de renda. A confederação conseguiu repassar alguns valores e, com recursos pessoais de alguns diretores, estamos conseguindo pagar os custos fixos. Não vamos desistir”, garante.



divulgação/fbda

Natação conseguiu retomar treinos presenciais

Nadadores voltaram a treinar nas piscinas

Para os esportes aquáticos a situação é um pouco mais otimista. Ainda em 2020, a Federação Baiana de Desportos Aquáticos (FBDA) solicitou ao governo do estado a utilização da piscina olímpica da Avenida Bonocô para treinos de atletas de alto rendimento. Ou seja, atletas que estão em níveis de competição nacional e que precisam dar continuidade aos treinos.

“Nós temos uma variedade muito grande de atletas. Quando os clubes e academias fecharam, ficamos sem opção. Não conseguimos atender a todos, mas conseguimos manter, pelo menos, os atletas que possuem uma rotina de treinamento intensa e constante”, declarou

o presidente da FBDA, Diego Albuquerque. Para manter o funcionamento da entidade, Diego comenta que a salvação foi uma taxa associativa cobrada dos atletas no início do ano.

“Isso ajudou um pouco, mas é um momento crítico para todas as federações, já que não recebemos nenhum tipo de renda federal ou estadual, nenhum tipo de ajuda. Como a FBDA teve uma política de muita austeridade nos últimos 3 anos, isso tem segurado um pouco o impacto, mas a cada dia fica mais apertado porque não temos a principal fonte de renda que são as inscrições nos campeonatos”, se queixa Albuquerque.

ENTREVISTA

Francesco Perrotta-Bosch

ARQUITETO E ESCRITOR



A arquiteta Lina Bo Bardi nasceu na Itália, mas se transformou intelectualmente em brasileira.

Quem garante é o escritor e arquiteto Francesco Perrotta-Bosch, autor do livro “Lina, uma biografia”. Em entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metropole**, Perrotta-Bosch falou sobre o processo de escrita do livro e, principalmente, detalhes sobre a vivência de Lina na Bahia. “Se hoje Lina Bo Bardi está ganhando o Leão de Ouro de Veneza, o primeiro prêmio que ela recebeu em vida foi a Comenda Dois de Julho, em abril de 1976, em Salvador”, diz.

MUSEU DE ARTE MODERNA

O escritor falou sobre a passagem marcante de Lina Bo Bardi no estado, após sua chegada em 1958. “Em janeiro de 1960, Lina inaugura, junto ao governador e à primeira dama, o Museu de Arte Moderna da Bahia, que era no antigo Teatro Castro Alves, ainda em recuperação do incêndio”, conta. Segundo Perrotta-Bosch, esse foi um momento de grande efervescência do museu, marcado por uma atitude de confronto: “Um dos seus primeiros atos na Bahia, como forma de iniciar o museu, foi pegar uma estátua do Antônio Conselheiro, feita pelo Mario Cravo Jr., e colocar na entrada do MAM. Os militares não ficaram nem um pouco satisfeitos com esse ato”, pontua.

REQUALIFICAÇÃO DO PELOURINHO

O biógrafo contou ainda sobre outro momento de Lina em Salvador. Nos anos 1980, a arquiteta voltou para realizar o projeto de requalificação do Centro Histórico, feito em parceria com o arquiteto João Figueira Lima, o Lelé. “A gente vê o encontro da genialidade da Lina com a genialidade do Lelé muito bem na Casa do Benin e na Ladeira da Misericórdia”. O biógrafo ainda ressaltou as intenções da arquiteta durante a requalificação. “Todo esse projeto era para que se mantivesse a essência do centro histórico de Salvador”.



ENTREVISTA

Cláudio Marques

DIRETOR E CRÍTICO DE CINEMA

O diretor, crítico de cinema e colaborador da **Rádio Metrópole**, Cláudio Marques, conversou com Mário Kertész sobre a dívida que a agência reguladora do audiovisual no Brasil, a Ancine, tem com os produtores baianos. Segundo Marques, o débito já se estende há mais de um ano.

“A gente se sente enganado. Nós queremos que o estado da Bahia entre com uma ação contra a Ancine, obrigando que o órgão pague os produtores baianos”, afirma.

DÍVIDA DE R\$16 MILHÕES

Cláudio explica que a Ancine lançou, em 2019, um edital chamado ‘Arranjos Regionais’, com um valor determinado de pouco mais de R\$20 milhões ao setor audiovisual. “A Ancine ficaria com a maior parcela desses pagamentos, entre R\$15 ou R\$16 milhões, e a Secult (do governo do estado) com uma menor parcela. Para que o dinheiro da Ancine fosse liberado, a Secult teria que ter pago toda sua parte, e pagou muito rápido. Já a Ancine, que está acéfala, deveria ter pago desde o início do ano passado”, diz.

COBRANÇA SEM RESULTADO

Segundo o diretor, os produtores baianos, auxiliados pelas deputadas do PCdoB Alice Portugal (federal) e Olívia Santana (estadual), estão conversando com a Secult. “A situação é grave. Foi um edital muito difícil. Em cima das produtoras há uma cobrança imensa, inclusive há um custo mensal de manter a estrutura funcionando. Mas, por outro lado, já temos quase dois anos de edital lançado e, até hoje, o que devia ser minimamente cumprido, que é o pagamento dos projetos vencedores, ainda não aconteceu”, conta.

A gente se sente enganado. Nós queremos que o estado entre com uma ação contra a Ancine

ENTREVISTAS



METROPOLE

**deixe
a vida
seguir**

DOE SANGUE PARA QUEM PRECISA.

Com a queda de doações durante a pandemia, o estoque da Hemoba está em nível crítico e precisa muito da sua solidariedade.

Estamos adotando todas as medidas preventivas para garantir a total segurança dos voluntários e a doação também pode ser feita por hora marcada.

É só agendar pelo site www.saude.ba.gov.br/hemoba, e-mail horamarcada@hemoba.ba.gov.br ou pelo telefone **(71) 3116-5643**.

Ladeira do Hospital Geral, s/n, Brotas

  @hemobaoficial

**FAÇA A SUA PARTE.
DOE SANGUE E
SALVE ATÉ 4 VIDAS**

HEM^{BA}
DOE ALEGRIA. DOE SANGUE.


**GOVERNO
DO ESTADO**